



Uwe Timm

Ikarien

Icária

Kiepenheuer&Witsch 2017
ISBN 978-3-462-05048-6

Excerto traduzido por Pedro Garcia Rosado

Páginas 8-30

Um homem de ciência não deve ter desejos nem emoções — não deve ter mais do que um coração de pedra.

CHARLES DARWIN

É mortífero pôr no lugar do velho Deus um mundo louvável e gratificante que esteja constantemente a progredir.

GUSTAV LANDAUER

Eritis sicut Deus, scientes bonum et malum [«Serás como Deus, conhecendo o bem e o mal», Génesis, 3,5]

Está vivo.
Testemunho-o.
Sobreviveu.

Correu pela rua fora, a rir-se, a gritar qualquer coisa, a dançar, de forma um pouco desajeitada sem que, no entanto, isso deixasse de ser uma dança, enquanto batia palmas. Ninguém o vira até então. Era como se tivesse caído do céu. Atarracado e a gaguejar, desceu a rua e passou pelos escombros do edifício da esquina, pela fachada cinzenta de onde pendiam lençóis brancos, pela leitaria, pela sapataria, pela peixaria Grün, Adolf Andersen foi ao encontro dele neste dia de primavera, já não de uniforme castanho e botas reluzentes, mas vestido de verde discreto, as minhas roupas são todas verdes, verdes, verdes... como na canção infantil, sem levantar, como ainda ontem fazia, o braço e sem gritar «*Heil*» e, não o fazendo, levou a mão ao chapéu e cumprimentou, para um lado e para o outro, com uma amabilidade exagerada, a deter-se quando o rapaz que tartamudeava veio ao seu encontro e lhe estendeu a mão de dedos curtos, que Andersen apertou, surpreendido e embaraçado, deixando-o depois prosseguir, a proferir ruídos estranhos e guturais que não eram de sofrimento, mas seriam mais de prazer, ou talvez de ambas as coisas: de um prazer que o fazia sofrer. E da boca, que parecia ser demasiado pequena para a língua, iam brotando palavras: as nuvens significavam uma coisa, outra a árvore e outra ainda o céu. Ou *Himmler*?!

Não, *céu*.*

* Em alemão, «céu» é «*Himmel*». Henrich Himmler (1900 – 1945) foi um dos lugares-tenentes de Adolf Hitler. [N. do T.]

O rapaz tornou a bater as palmas, aliás, até dançou outra vez, na sua dança estranha, a deixar ver as mãos que seguiam num ritmo lento, encaminhando-se para a árvore, a única que se mantinha de pé, resistente às bombas, aos incêndios e aos rigores invernais, um carvalho de folhas parecidas com pequenas patas verdes. O rapaz agarrou-se à árvore, apalpou o tronco e da boca saiu-lhe um ruído gorgolejante. Atravessou rapidamente a rua, a agitar os braços como se quisesse voar, da boca saíram-lhe gritos roucos e depois seguiu os corvos, a imitar-lhes os grasnidos.

Três ou quatro meses mais tarde, a pôr já em prática o que devia ser a normalidade, os rapazes começaram a importuná-lo. Não o compreendiam. Ele ameaçava-os de punho fechado. Mas, mesmo quando conseguia apanhar um deles, não lhe batia e limitava-se a dizer-lhe: Dorme bem! E ainda: Sem barulho!

Mas dormir porquê?

O rapaz explicou: Eu era o mais novo e fui quem mais tempo estive com ele. Que estranho era, quando ele queria afastar as nuvens com uma escova.

Quando eu também comecei a meter-me com ele, a mãe perguntou-me: Porque é que o fazes?

Porque ele tem piada.

Não, ele não tem piada nenhuma, nem faz mal. As crianças podem fazer mal. Mas ele não. Ele não faz mal a ninguém. Ele será sempre um pouco criança.

Foi assim a conversa, mais ou menos. E associei-lhe, desde então, um sentimento de vergonha, por ter traído alguém para agradar a outros.

Os pais tinham-no escondido em casa durante doze anos.

Um apartamento alugado, oito inquilinos, quarto andar, um sótão. Onde viviam dois adultos e um rapaz.

O rapaz era mantido em casa. Com ele repartiam o que estava previsto para dois adultos no racionamento: manteiga, pão, queijo, legumes e batatas. Mal chegava para dois, quanto mais para três. E o jovem comia muito, cheio de fome, de uma fome constante, como a mãe, comia como um cavalo, e, por isso, o pai trazia às vezes comida do trabalho: cenouras, uma pequena couve, um pedaço de sabão e, muito raramente, mel. Um colega do pai no serviço de gestão das águas tinha duas colmeias no jardim. Sabia da existência do rapaz e do seu esconderijo. Os dias de mel eram uma festa.

Os outros inquilinos saberiam? Talvez um ou outro, talvez os do andar de baixo, porque, mesmo que os do sótão andassem só de meias, teriam de os ouvir e de perceber que não eram só duas pessoas que ali estavam. Não os traíram. Ele era um pouco diferente. Tê-lo-iam matado.

Portanto, calaram-se.

Ter-se-iam calado se se tratasse de uma família judaica?

O horror; aquilo de que não se deve falar.

Mas deve falar-se.

As ruínas. No verão abriram-se caminhos por entre os escombros. Caminhos abertos por muitos pés. Era por onde andava o Assassino das Ruínas. Onde estavam as cinzas. Onde estavam os

restos das ossadas. O pó dos tijolos. Húmus. Verdes exuberantes, tremoceiros e cardos, e também a tussilagem. Das depressões do terreno erguiam-se pequenas nuvens: eram as borboletas-das-couves. Os idosos diziam que nunca houvera tantas borboletas como no verão de 1945. Eram uma verdadeira praga. Devoravam as couves com uma voracidade insaciável, e ainda por cima as couves eram escassas. As crianças davam-lhes caça, batiam nelas com varas de salgueiros e, com as asas desfeitas, as borboletas iam caindo no chão.

Nós éramos os salvadores. Matávamos as pragas.

Eu podia voar nos meus sonhos. Era simples. Estendia os braços e, não tardava, elevava-me no ar. Por baixo de mim: casas, ruas, árvores, o senhor professor Blumenthal, a quem cresciam pelos nos ouvidos e nas narinas, e ali um ciclista que oscilava, prestes a cair, e sim, acabava mesmo por cair. Deliciava-me com a ideia de ir para a cama. Deliciava-me com o momento de adormecer.

Do que me lembro: Karlchen, a mastigar. Uma mastigação constante, a mandíbula a moer, lentamente. Como se estivesse a mastigar a própria língua. O sorriso alargava-lhe o rosto.

Do que me lembro: o jipe, um carro tão simples e tão reconhecível na sua função, as rodas bem à vista, o volante, a alavanca das mudanças, a transmissão como uma esfera metálica por cima do eixo traseiro, o pneu sobresselente na parte de trás com uma pá e sem portas, onde os soldados entravam de um salto e estendiam uma cobertura sobre os dois arcos quando chovia.

As forças inglesas de ocupação também andavam de jipe em Hamburgo, mas o jipe que apareceu em julho no Eppendorfer Weg

tinha uma estrela no capô e, à frente, sentava-se um oficial americano num uniforme caqui engomado, com vincos bem definidos nas calças, e isso ficou-me na memória. Fumava. O motorista, que não era negro, embora mais tarde se vissem muitos motoristas negros, distribuía tiras de pastilha elástica, que se mastigavam, mastigavam e deitavam fora, como na canção, como num jogo, a mastigação a moê-las num movimento único do rosto enquanto o corpo ficava imóvel. O jipe cheirava a borracha, a gasolina, com um cheiro que me acompanhou desde então, numa recordação distante de qualquer coisa diferente e nova.

O que nos surpreendeu foi que o homem de uniforme nos percebia e falava alemão. Perguntou-nos os nomes. Os miúdos responderam. Deram os nomes e também a idade.

Karlchen, que era muito mais corajoso ou que era, simplesmente, mais curioso, passou a mão pelo metal, pelos pneus, pelo espelho, e os seus dedos, de toque pouco sensível, chegaram também, mas com prudência, ao uniforme do oficial. Que lhe perguntou: Como te chamas? E Karlchen respondeu: Karlchen. Teve de repetir o nome e a pergunta: O carro salta?

O oficial riu-se. Não.

O motorista estendeu-lhe uma tira envolta em papel de alumínio e, quando o miúdo a quis levar à boca, o oficial pegou nela, tirou a pastilha elástica do invólucro e deu-a ao rapaz. Karlchen começou a mastigar e bateu palmas.

A partida

A espuma nas ondas. No navio viaja um homem, ainda jovem, com uma missão. Chama-se Hansen, Michael de nome próprio, com o nome do anjo que os Alemães reservaram para si próprios. Foi o pai que lhe escolheu o nome. Hansen é um homem jovem, completamente normal, em quem não se repara. É alto e as mulheres dizem que é bem-parecido. Pelo modo como anda, muito direito, vê-se que pratica desporto e os seus movimentos são calmos e cheios de força. Sabe escutar, o que é uma virtude. Mas também sabe perguntar. São características positivas sem que nenhuma delas se destaque mais do que as outras.

O jovem está com um seu companheiro de viagem junto à amurada, a olhar para o mar, para o Atlântico coberto de nuvens que parece querer fundir-se com o céu. Perscrutam as ondas com toda a atenção, como o vigia que está na ponte. Procuram avistar os Lobos Cinzentos*. Um periscópio, um tubo respirador, o rasto de bolhas de ar de um torpedo. Mas não veem nenhum dos Lobos. Que andam a ser caçados, com radares, aviões e cargas de profundidade. O navio, um transporte de tropas cinzento-escuro, que fora antes um navio de passageiros de um branco luminoso, consegue ser mais rápido do que qualquer um dos Lobos.

O jovem é um dos escolhidos.

E porquê ele?

Porque fala a língua alemã e tem carta de condução.

E foi escolhido por quem?

*Os Lobos Cinzentos foram um conjunto de três submarinos alemães (U-1007, U-3041 e U-3512) que usavam como emblema o desenho estilizado de uma cabeça de lobo. [N. do T.]

Pela Divisão de Guerra Psicológica. Ou PWD, *Psychological Warfare Division*. Só que não o sabe.

Sete meses antes, Michael dera-se como voluntário para o Exército e fora destacado para o Corpo de Transmissões, identificado pelas duas bandeiras cruzadas nos botões do uniforme. Recebeu nessa altura uma mochila A e uma mochila B, ligadas as duas por uma alça e por um mosquetão e que deviam ser transportadas ao ombro. Cumpriu o treino básico, aprendeu a fazer a cama e os truques da ordem: a roupa da cama devia estar tão esticada que, se o instrutor atirasse uma moeda de vinte e cinco cêntimos para cima da cama, a moeda ressaltaria nos lençóis. Aprendeu a rastejar com a carabina ao alto, a equilibrar-se em cima de toros, a arrastar-se por baixo de rolos de arame farpado, a trepar paredes de madeira, a manter sempre o equilíbrio, a correr pela floresta. Conseguiu fazê-lo bem, tendo a experiência de ter jogado basquetebol e ténis na Universidade de Washington. Aprendeu a disparar com a carabina. E, com as boas avaliações que teve, foi enviado para o curso de formação de oficiais, onde aprendeu tática e transmissão de mensagens, que deviam ser céleres, concisas e breves, como salientava o coronel da Escola de Transmissões, aspetos que eram decisivos para cada batalha. Mesmo os soldados mais corajosos andariam às apalpadelas se não recebessem as suas ordens a tempo ou se elas fossem imprecisas. As bandeiras nos botões do uniforme eram do tempo em que as ordens eram transmitidas por bandeiras, de montanha para montanha. Agora havia os sinais de Morse, os telefones, a radio. E a codificação. E também a decifração das mensagens de rádio do inimigo. E o reconhecimento. A avaliação das forças, dos planos de ataque, do ambiente nas fileiras inimigas.

Os membros do Corpo de Transmissões, disse-lhes o coronel, são o cérebro e os nervos das nossas tropas. Músculos, tendões, ossos — esses são os outros, a infantaria, a artilharia, os blindados.

Ou, melhor, vocês são os anjos que divulgam todas as mensagens. Mas que também veem tudo. E ouvem. Têm o inimigo debaixo de olho. Não se limitam a saber onde está cada uma das forças, mas também o que pensa o inimigo. E o que ele quer. E como está o seu moral.

Passado meio ano, Hansen prestou o seu juramento como oficial, e foi nomeado segundo-tenente. Foi um milagre de seis meses. Já podia ser destacado para combater contra os Alemães, os *krauts*, os nazis. Era americano, mesmo tendo nascido na Alemanha, e ninguém lhe perguntou o que sentiria ao ter de ir combater para lá, independentemente do medo de poder ficar ferido ou, mesmo, de morrer.

Em casa, em Ringwood, em Nova Iorque, discutira com os pais. Porque é que fora alistar-se logo após ter concluído o mestrado?! Tê-lo-iam provavelmente convocado, mas teriam arranjado maneira de o manterem na reserva. Mas era assim que ele queria. O medo que a mãe tinha, que dizia: A guerra é uma chatice. Disse-o em alemão e acrescentou: Uma pessoa preocupa-se com os filhos, cria-os com todos os cuidados e depois vêm os de cima, mandam-nos para a guerra e eles são mortos a tiro. O pai também esteve contra, embora por outro motivo. Tendo adotado, há anos, a nacionalidade americana, e renunciado à sua nacionalidade alemã, argumentou que não se combate contra o país-natal nem contra parentes de sangue.

Hansen vestiu-se num armazém com um uniforme justo que diferia, em estilo e em qualidade, do material que tivera de usar enquanto soldado raso e que incluía uma jaqueta verde-escura de botões brilhantes, calça cor-de-rosa, camisa, gravata, boné com a águia dourada e, nos ombros, uma tira fina de latão. O uniforme era leve e prático.

Três meses antes de partir para a Europa conheceu Catherine, pouco antes do Natal, numa viagem de comboio. Uma nevasca paralisara o trânsito em Nova Iorque.

Tinham-lhe concedido uma licença, como se fossem férias, para um fim de semana alargado. Assim que o comboio se pôs em marcha, começou a nevar e, quando o comboio chegou ao Grande Terminal Central, a tempestade de neve já se abatia sobre a cidade com toda a força. Os autocarros e os táxis já não andavam e os comboios suburbanos também ficaram imobilizados. Hansen ficou no átrio abobadado junto da jovem, que se sentara próximo dele no comboio e com quem trocara palavras de circunstância, diante do grande relógio que servia de referência como ponto de encontro. Era aqui que o namorado dela a devia vir buscar. Hansen deu-lhe algumas moedas para o telefone e ela ficou a saber, pelos pais do namorado, que ele já saíra de casa, embora tivesse depois telefonando, a dizer que estava parado no trânsito.

Hansen acompanhou-a a um pequeno bar, situado diante da estação, onde arranjaram duas cadeiras livres junto a uma mesa metálica de equilíbrio instável, encaixados entre os outros viajantes que também não podiam sair dali. As janelas estavam embaciadas

devido à evaporação da humidade das roupas molhadas. De vez em quando viam passar as luzes lentas de um carro. Beberam cerveja e ela insistiu em que dividissem a última sanduíche que havia e ainda tiveram tempo para falarem das suas vidas. Entretanto, ela acabara por lhe pedir mais moedas para ir telefonar. Hansen observou-a, a falar para o auscultador, encostada ao balcão, abanando a cabeça e o seu espesso cabelo castanho-escuro com reflexos ligeiramente avermelhados. Uma calça cinzenta que lhe caía suavemente ao longo das pernas, um *pullover* grosso de cor clara com um padrão entrançado, sob o qual se via o contorno do busto. Depois voltou para junto dele, dera o nome do bar para o caso de Horace telefonar. Era o nome dele: Horace. E o dela? Catherine. Ficaram sentados no bar cheio de gente, mais perto um do outro do que seria natural num conhecimento tão recente. Quando ela se ria, Hansen sentia-lhe o corpo encostado ao braço. E ela ria-se com frequência. A conversa passou do inglês para o alemão. Hansen perguntara-lhe o que fazia ela, profissionalmente. Catherine estudava antropologia na Universidade de Colúmbia, mas ganhava a vida a dar lições de língua alemã, sobretudo a militares que iam para a Europa. Se era de uma família alemã? Não, era francesa, mas em casa falava-se alemão. Eram da Alsácia. Quatro anos antes, quase logo a seguir à capitulação de França, o pai enviara-a, através de Espanha, para casa de um tio na América. Uma medida de precaução, já que não era possível prever quando terminaria a guerra. A Alsácia, depois da capitulação, foi anexada pelo *Reich*. A família teve de adotar a nacionalidade alemã. Mas ela ficou em segurança. O mesmo já não aconteceu com o irmão dela, que combateu no exército francês até este ser derrotado, sendo depois enviado para um campo de prisioneiros na Prússia Oriental. E mais tarde, devido à sua nova nacionalidade, acabara por ser incorporado na Wehrmacht.

Que tempos que viviam. Que confusão desgraçada. Espero que ele sobreviva. Espero que eles sobrevivam. Há três meses que Catherine não tem notícias dos pais.

Num gesto espontâneo, Hansen pôs-lhe a mão no braço e disse-lhe: O bom das más notícias é que são as que nos chegam mais depressa.

Ela olhou para ele. E ele acrescentou: Estou nas Transmissões. É uma coisa que tenho de saber. Ofereceu-lhe um cigarro, a ela, que só fumava nos dias festivos. E assim ficaram algum tempo sentados juntos, a fumar, num silêncio amigável.

Duas horas depois abriu-se a porta do bar e entrou um homem jovem, com um anoraque castanho coberto de neve. *Hello*, disse, abraçou Catherine e estendeu a mão a Hansen, num aperto forte que Hansen também retribuiu, num breve medir de forças, que depois lhe pareceu um pouco embaraçoso. E perguntou a si próprio se o outro também teria sentido o mesmo. É o Horace, disse ela, e ele repetiu o «*Hello*» e avisou que era uma pena que o tempo fosse curto e que nem se podia sentar, e que também não havia sítio, porque o carro estava lá fora onde não devia estar, e eles tinham de ir-se embora rapidamente. Ela quis pagar. Horace quis pagar. Hansen recusou, a sanduíche podia dividir-se, o preço é que não, o que em certo sentido até era verdade porque o valor era ímpar. Mas ainda havia tempo para trocarem endereços. Ele escreveu a morada do campo e o número de telefone dos pais. Depois de ela se ir embora, Hansen olhou com atenção para o cartão de visita que ela lhe dera. Em letras metálicas lia-se «Catherine Weckman». Havia um cheiro no cartão, a perfume, um aroma distante, e ele guardou-o ao dar pelos olhares dos que o rodeavam, voltados na sua direção e com expressões de interrogação. Talvez não tivesse sido aconselhável falarem em alemão de uma maneira tão íntima e tão conspiratória. Poderiam ter sido

identificados como os espiões alemães que eram os alvos dos cartazes em Nova Iorque.

Nos três meses seguintes, corresponderam-se por carta, mas em alemão para que os camaradas de Hansen no campo de treino não as pudessem ler também, apesar de nada conterem de íntimo além do desejo de voltarem a ver-se em breve. O alemão de Catherine agradava-lhe, atravessado que era por expressões antigas como «Até mais ver».

Dois dias antes de ter de embarcar no navio de transporte de tropas para a Europa, Hansen encontrou-se com ela na Keen's Steakhouse. Conversaram, beberem coquetéis e encomendaram os pratos. Catherine quis saber o que fazia a família dele.

Tinham chegado à América por intermédio de um macaco, respondeu Michael.

Ela riu-se e achou que era uma piada.

Mas não era. O pai dele, taxidermista de profissão, embalsamara um gorila, que ficou exposto no Museu de História Natural de Berlim. Foi aí que o viu o diretor do Museu Nacional de História Natural de Nova Iorque numa visita à Europa, maravilhando-se com a sua autenticidade. O pai recebeu uma proposta do museu e partiu para a América e, em 1932, portanto dois anos depois, fez com que a família, a mãe e a sua irmã mais velha, fosse ter com ele. Mais tarde, a mãe teve ainda um filho, um descendente tardio, disse Hansen, um rapaz calado e sonhador, de quem se podia acreditar que sonhava com o Velho Mundo, que nem sequer conhecera.

Mas deve ainda ser dito que o gorila devia ter parecido tão vivo que, ao entrarem na sala mal iluminada do museu e sem desconfiarem

de nada, os visitantes até se assustavam. O gorila era imponente, imóvel junto a um ramo de árvore como se quisesse trepar para o cimo. Quando havia visitas de estudo de turmas femininas, atavam-lhe um pequeno avental diante do sexo.

Os dois riram-se muito. Riram-se do instrutor de Hansen, dos cabos que berravam, dos seus camaradas e ele, que costumava ser quem mais perguntava, e mais escutava, transformou-se, com os coquetéis — mas, sobretudo, pelo riso dela —, num narrador incontinente. Ouvi-la rir-se fazia-o feliz.

Quando saíram, já era demasiado tarde para o comboio de Ringwood. Hansen teria de procurar um hotel ou ir para a residência dos oficiais.

Catherine propôs-lhe que passasse a noite no apartamento que partilhava com uma amiga. Ela dormiria com a amiga num dos quartos.

À chegada ao apartamento recebeu-os uma jovem vestida com um *pullover* e de calças. Os óculos estavam empurrados para a cabeça.

É a Gillian, que está a preparar-se para os exames.

Sentaram-se os três à mesa e conversaram um pouco.

Podes dormir no sofá, disse Gilliam a Catherine, se a luz do meu candeeiro não te incomodar.

Catherine foi fazer-lhe a cama, onde ele se deitaria.

Hansen esteve prestes a dizer, espontaneamente, que não era necessário. De bom grado dormiria nos lençóis em que ela dormia. Ela levou-lhe duas toalhas. Depois ouviu-a na casa de banho. A água estava a correr. Ela saiu, enfiou a cabeça na porta e disse-lhe: *Your turn*. Hansen tomou banho, secou-se, cheirou os frasquinhos até

encontrar o cheiro dela. Estendeu-se na cama, onde também encontrou o cheiro de Catherine. Jasmim? Apagou a luz e ouviu a conversa sussurrada das duas mulheres no quarto ao lado. E depois, de repente, ficou tudo em silêncio. Pensou que se teriam deitado. Já a adormecer, ouviu a porta a abrir-se, num clarão inesperado, e depois a fechar-se, quando ela, descalça, entrou no quarto e se aproximou. Levantou o cobertor e deitou-se a seu lado. A Gillian tem de trabalhar, sussurrou Catherine, e eu não consigo dormir com a luz acesa. Arfava como se tivesse subido um lance de escadas a correr. E, um instante depois, de novo a sua voz: Mas não podemos fazer barulho.

Um rosto pequeno, harmonioso, cabelo louro com a risca à esquerda. Um jovem de boca tranquila e olhos pensativos. Esta aparência também deve ser tida em consideração na surpreendente reviravolta da noite, inesperada, mas condizente com o desejo. Bem como, o que nem por ela nem por ele foi mencionado, a viagem iminente para os campos de batalha europeus, onde, ao contrário do que acontecia no Pacífico, a guerra já se aproximava do fim.

O futuro não teve lugar no que se disse. A entrega substituiu as palavras.

A amiga saiu cedo na manhã seguinte. Catherine falou brevemente com ela e depois regressou ao quarto. Teriam feito demasiado barulho? Não, disse ela, não vale a pena preocuparem-se com a Gillian. A sua amiga tinha ido para a biblioteca. Agora precisamos de calorias, precisamos de um sumo de frutas, precisamos de queijo, de torradas, de ovos e de leite.

Catherine desceu no elevador. Hansen espreitou à janela do

nono andar da 76th. Street West., esperando vê-la à saída. Em vão, porque talvez tivesse seguido ao longo do prédio. Olhou para as duas fotografias em molduras de prata na secretária de Catherine, uma mostrava uma família elegantemente vestida, o homem num fato completo azul e a mulher num vestido branco plissado, que deviam ser os seus pais, e o jovem, o irmão, com um fato de marinheiro e a rapariga, ela, num vestido branco.

Na outra fotografia estava sentado um jovem ao leme de um veleiro. Sorria, mostrando os seus muitos dentes brancos, com o tom bronzeado da pele a contrastar com o branco do seu polo. Hansen não reconheceu de imediato Horace, que irrompera no bar sem esse sorriso reluzente, cheio de roupa e empapado em neve, para a resgatar do caos invernal.

A roupa, o grande veleiro — tudo apontava para uma família abastada.

Catherine regressou com um grande saco de papel. Ele tomou-a nos braços, ela trazia consigo o cheiro do ar da manhã e do sol, o cabelo solto, despenteado pelo vento. Sentaram-se à mesa e comeram torradas e beberam café e, quando ela estendeu a mão para agarrar a dele, por cima da mesa, ele levantou-se e puxou-a para si — e Catherine deixou a torrada mordida em cima da mesa.

Catherine acompanhou Hansen ao comboio para Ringwood.

Ele perguntara por Horace, finalmente.

Horace. Pois. Depois de uma hesitação, ela disse que o compromisso estava tomado. Dentro de dois meses. Disse-o quase timidamente. E depois de outra hesitação: devia contar-lhe, a Horace, o que acontecera. Com a palavra «arrependimento»? Não, não, mas pensar em Horace fazia-a sentir-se tão triste, e receava, naturalmente,

a conversa que iriam ter. E o que aconteceria era coisa que não sabia. Como é que poderia saber?

Uma conversa sobre separação foi a conversa deles de despedida.

Um abraço longo, com ele a pedir-lhe que, no dia seguinte, não fosse à partida do navio. Ele teria de se ocupar da mãe, dos irmãos, e do pai também, e, em geral, as despedidas nas estações de comboio e nos cais, a que ele já assistira em rapaz, eram algo complexas, pela espera, pelo tempo que se arrastava, por toda a gente querer sempre mais tempo, e depois a partida, era tudo perturbador. Ela não achava, era assim que uma pessoa se sentiria ela própria, e sentiria os outros, com mais intensidade, percebendo que alguma coisa de si se separava.

Portanto, foi. O navio de transporte de tropas flutuava no Hudson, pintado de cinzento com listas cinzentas-escuras em ziguezague, numa camuflagem cubista. Os soldados amontoavam-se nos conveses em cima. Os tripulantes subiram em fila com os seus sacos ao ombro. No cais estavam amigos e parentes. Os de cima chamavam os de baixo. Um marinheiro levou o baú de oficial de Hansen. O professor dele oferecera-lhe dois livros para a viagem: *Vestígios*, de Ernst Bloch, e *Contos Nocturnos. Com quarenta e oito ilustrações de Alfred Kubin*, de E. T. A. Hoffmann.

Hansen estava com os pais, a irmão e com o irmão mais pequeno e o pai enumerou os membros da família que ele, quando se desse a capitulação da Alemanha, da qual não restava nenhuma dúvida, devia ir visitar, o que Michael Hansen prometeu fazer. E escreve, logo que chegares, disse a mãe. Sim, também fica prometido. E nesse instante descobriu-a. Catherine também se encontrava no cais com o seu vestido florido. Foi ter com ela, quase a correr, a dizer-lhe: Que bom que tenhas vindo. Mas quando quis abraçá-la, ela reagiu com brusquidão: Não me agarres! Só queria dizer-te adeus. E não me

escrevas! Virou-lhe as costas e afastou-se. Hansen deixou-se ficar, estupefacto, a pensar se devia ir atrás dela e perguntar-lhe a que se devia esta reviravolta tão violenta, se acabara por ir à sua despedida. Mas ela já havia desaparecido por entre todos os que esperavam e acenavam. O irmão mais novo veio ter com ele e puxou-o pela mão, para ir ter com os pais e com a irmã. Às suas perguntas e recomendações deu respostas confusas, até o pai lhe dizer: Já que foste tão longe, agora deves continuar.

Ao chegar a Antuérpia, recebeu a sua ordem de marcha, para se apresentar no quartel-general do 12.º Corpo dos Estados Unidos em Frankfurt. Depois viajou de avião de Amesterdão para um aeródromo militar perto de Frankfurt, capturado seis dias antes. Na pista auxiliar jaziam dois caças, abatidos.

— 2 de abril de 1945 —

Viagem para Frankfurt. A região foi poupada aos combates. Transporta-se estrume ou feno, os carros são puxados por cavalos, afiam-se gadanhas, as mulheres arrancam ervas daninhas, as crianças estão à beira da estrada. Casas em enxaimel com as suas vigas inclinadas e horizontais. Tem de pensar em *Hänsel e Gretel*, que a mãe lia em voz alta. Não se veem tratores. Não se acredita que este país tenha construído foguetões e aviões de caça.

— 3 de abril de 1945 —

Em Frankfurt há outro cenário. Fábricas destruídas onde se encontram peças de metal gigantescas e misteriosas, tubos

rebetados, caixas de sinalização, vagões de comboios calcinados, uma ponte desfeita por uma explosão, uma viagem agitada sobre uma *pontoon bridge*, assente em barcos, as casas em ruínas com as fachadas ainda de pé e o entulho, feito de tijolos e de pedras destruídas, atrás delas, uma casa de quatro andares a que fora arrancada a fachada e onde se podem ver as divisões como se fosse uma casa de bonecas, com um piano, uma mesa e cadeiras de braços. Especialmente estranha é a vassoura apoiada à mesa. No apartamento de cima, uma mulher pendura a roupa acabada de lavar, o sol chega a todos os recantos da casa e iluminava o louceiro, as cadeiras e a mesa. Uma cozinha com panelas no fogão. Vigas carbonizadas à beira da estrada, ferros torcidos, restos de paredes, cheira a argamassa húmida e as ervas daninhas crescem nas montanhas que são os escombros dos edifícios destruídos logo no segundo ano da guerra. Talvez devido a esta primavera soalheira, a miséria não é tão sombria e parece luminosa, mas o cheiro é animalesco. Uma mistura de mofo, cal e putrefação. Ainda devem existir cadáveres soterrados nas caves e debaixo dos escombros.

Há poucas pessoas na rua, na maioria mulheres, três homens idosos, um deles a arrastar um carrinho de mão carregado de madeira.

No quartel-geral do 12.º Corpo dos EUA, um oficial do Corpo de Contraespionagem entregou a Hansen um jipe com motorista e a ordem de se dirigir à 42.^a Divisão de Infantaria, que avançava em direção a Würzburg. A sua missão: interrogatórios e reconhecimento do inimigo.

*

A cidade era uma nuvem de fumo.

As casas de estilo românico, barroco, rococó e clássico, as igrejas, muitas delas famosas, a catedral, o túmulo de Walther von der Vogelweide, o palácio episcopal com o mundialmente célebre fresco de Tiepolo no teto com os quatro continentes, uma obra-prima.

Às 21h25 de 16 de março abateu-se sobre a cidade um ataque conduzido por 220 bombardeiros Lancaster do Grupo n.º 15 da RAF, o mesmo grupo que já havia bombardeado Dresden, e iniciado com bombas explosivas. Destruíram telhados, portas e janelas e criaram uma violenta corrente de ar. Depois lançaram 315 mil bombas incendiárias. Os cálculos relativos à otimização da aceleração das chamas foram feitos por cientistas.

E o fumo saía da cidade e cobria a terra, os vales, as colinas, os rios. A cidade também já não era uma cidade. Era uma enorme pilha de carvão. Com temperaturas acima dos mil graus. O que só aconteceria ao longo de dezenas e centenas de anos de decadência não chegou a durar aqui vinte minutos. Pessoas que arderam nas caves. Eu via-as, disse o anjo da história, pessoas rebentadas como salsichas assadas em excesso de temperatura. Com as tripas de fora. Alemães, na sua maioria homens, retiravam os corpos. O que restava da carne carbonizada cobria-se com cal numa vala comum. O sol obscurecia-se, a lua sangrava, os gritos das pessoas.



Letra – Portal de Literatura Contemporânea de Expressão Alemã
Goethe-Institut Portugal
Campo dos Mártires da Pátria, 37
1169-016 Lisboa | Portugal

www.goethe.de/portugal/literatura
biblioteca.lisboa@goethe.de